

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 612	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	6950	8120	25 DE DEZEMBRO DE 1895	Lúboas, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

ESQUADRÃO da celestial milícia cantava com o Anjo: Gloria a Deus nos céos altíssimos e paz na terra aos homens a quem Elle quer bem.

E os pastores, que pela noite fria vigiavam os rebanhos, acharam-se cercados d'uma claridade divina.

— «Hoje vos nasceu na cidade de David o Salvador, que é o Christo Senhor.»

E os pastores foram andando até Belem, pasmados do que o Anjo lhes havia dito.

— «Passemos até Belem e vejamos o que é isto que succedeu e que é o que o Senhor nos mostrou.»

Haviam-se retirado os anjos para o céu e, como um rasto de luz divina, ficou no azul sombrio da noite uma estrella caminhando.

Pelos extensos desertos atraz da luz divina vinham os Reis Magos.

Vinham á procura do Rei dos Judeus que havia nascido, vinham para adoral-o, porque haviam visto no Oriente a sua estrella.

Havia nascido em Belem, terra de Judá, porque assim o tinha escripto o propheta.

— «E tu Belem, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes cidades de Judá; porque de ti sahira o conductor, que ha de commandar o meu povo de Israel.»

E a estrella que os Magos haviam visto no Oriente caminhava adeante d'elles e afinal parou sobre o presepio.

Os Magos abriram os cofres onde traziam presentes reaes. A estrella brilhava nos céos altíssimos.

Entraram os Magos no presepio e viram o Rei dos Judeus, embrulhado em pobres pannos, deitado sobre as palhas da manjedoura.

O filho de David, o filho de Abrahão, o filho dos reis, que havia de ser chamado Filho de Deus, dormia sobre as palhas, n'aquella noite fria.

Os pastores cantavam cheios de alegria, como os anjos haviam cantado: Gloria a Deus nos céos altíssimos!

Os Reis Magos prostraram-se, bateram com as fronteiras na calçada e offereceram a Jesus o oiro, o incenso, a myrrha dos seus cofres.

Porque a misericórdia do Todo Poderoso se estende de geração a geração sobre os que O têmem.

Manifestou o poder do seu braço; dissipou os que no coração formavam altivos pensamentos. Depoz do throno os grandes e elevou os humildes.

Encheu de bens os que tinham fome e despediu vãos os que eram ricos.

Lembrado da sua misericórdia, tomou debaixo da sua protecção a Israel seu servo.

Assim como o tinha promettido a nossos paes, a Abrahão e á sua posteridade para sempre.

E ao pé de Jesus, contemplando-o, estava aquella a quem as gerações chamarão bemaventurada.

O seu espirito alegrava-se em extremo em Deus, seu Salvador, porque Elle havia posto os olhos na baixeza da sua escrava.

O Anjo que lhe apparecera havia-lhe dito: Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco.

E ella havia-se turbado, scismando que saudação seria aquella.

— «O Espirito Santo descera sobre ti e a virtude do Altissimo te cubrirá da sua sombra.

E Maria respondera: Eis aqui a escrava do Senhor.

Os cantos da terra subiam a reunir-se aos ultimos eccos dos hymnos celestes.

Maria contemplava o filho dormindo mansamente, Aquelle que nascera para redimir os homens.

Aquella bocca que sorria havia de dizer um dia á multidão: Bemaventurados os pobres de espirito, os mansos, os que choram, os que teem fome e sede de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacíficos, os que padecem perseguição por amor da justiça.

E a bocca santa, d'onde haviam de brotar tantas palavras de consolação, havia de um dia ser accusada de blasphemias.

Maria contemplava o filho e beijava-lhe as faces rosadas, os cabellos loiros.



A VIRGEM E O MENINO — QUADRO DE ALONZO CANO

E um suor de sangue havia de um dia correr por aquellas faces, empastar aquelles cabellos.

E' que por amor dos homens Jesus havia de beber o calix e posto em agonia dobrar a sua oração.

E os homens haviam de cuspir n'aquellas faces, de esbofetear aquelle rosto, de pôr uma corôa sarcástica de espinhos n'aquelles cabellos.

Jesus dormia nas palhas com as mãos crudas sobre o peito e Maria beijava-lhe as mãos.

Aquellas mãos haviam de estender-se um dia sobre as cabeças dos possessos, dos lunaticos.

Haviam de tocar aquelles dedos divinos os olhos dos cegos, o corpo dos paralyticos.

De toda a Syria haviam de trazer-lhe a Elle os doentes e Elle havia de cural-os.

Por isso uma grande multidão de povo o havia de seguir, de Galilea, de Decapole, de Jerusalem, de Judéa e d'além do Jordão.

Aquellas mãos haviam de pôr preceito ao mar e aos ventos e n'um gesto de paz chamar a bonança.

E todos haviam de perguntar: Que homem é este, que os ventos e o mar lhe obedecem?

Aquellas mãos haviam de, um dia afagar as cabeças dos pequeninos.

— Deixae os pequeninos e não os estorveis que venham a mim, porque d'estes taes é o Reino dos Ceos.

E Maria, chorando de alegria, beijava no presepio os pés de Jesus.

As unhas pareciam opalas n'um ninho de folhas de rosa.

As pedras dos caminhos haviam de fazel os sangrar, quando Jesus andasse pregando as divinas parabolás.

As divinas pégadas haviam de ficar marcadas no pó dos caminhos de Galilea, nos areaes do Egypto.

Jesus andaria leguas para curar os possessos, os lunaticos, os cegos, os paralyticos e pregar as divinas parabolás.

E as mãos santissimas e os pés divinos haviam de um dia sangrar n'uma cruz entre as cruces de dois ladrões.

Maria contemplava Jesus e os pastores cantavam.

O oiro dos Magos derramava se pelo chão, o fumo do incenso subia em volutas ao céu, o perfume da myrrha espalhava-se pelo presepio.

Mas, quando o velho Simeão mais tarde abençoou José e Maria, disse a mãe de Jesus: Eis aqui está posto este Menino para ruina e para salvação de muitos em Israel e para ser o alvo a que atire a contradicção, o que será uma espada que trespassará a tua mesma alma, afim de se descobrirem os pensamentos, que muitos terão escondidos nos corações.

E a espada atravessou a tua alma, Maria, e nós te veneramos, Senhora das Dores.

Temos o espirito confuso; erros, loucuras, redes de peccado minam-nos as almas.

Na lama dos caminhos, pelas trevas empeçonhadas, andamos a soltar gargalhadas torpes e dolorosas.

Sorrimos para o mal e pelas madrugadas acordamos esfalfados d'um pesadelo.

A luz que nos careia é o fogo fatuo das podridões.

Para nós, gemendo e chorando n'este valle de lagrimas, volve os teus olhos, Senhora das Dores.

Pela alegria que tiveste no presepio ao beijar o teu Filho, ouve o nosso brado, tu a quem as gerações chamaram bemaventurada.

Desça sobre nós o teu olhar e que elle nos encaminhe como a luz da estrella aos Reis Magos.

A luz do teu olhar illuminou teu Filho nas longas trevas d'uma noite de inverno.

O teu bafô purissimo aqueceu-lhe o corpo pequenino nas palhas frias do presepio.

E, porque eras cheia de graça, uma espada atravessou a tua alma.

Por isso nós te veneramos, Senhora das Dores. Ave, Maria, cheia de graça.

João da Camara.

A VIRGEM E O MENINO

QUADRO DE ALONZO CANO

A ETERNA poesia e o amor que envolve o nascimento de Jesus, a poesia e o amor mais puro, porque vem do céu, tem inspirado os mais sublimes poetas, os poetas da palavra, os poetas da pintura, os poetas do cinsel, e quantas paginas primorosas, quantas telas inestimaveis, quantas esculturas divinas, não se acham espalhadas por so-

bre a terra, nas bibliothecas mais selectas, nas galerias e templos mais notaveis, nos monumentos mais gloriosos da grande epopeia do christianismo!

E' visitar as grandes bibliothecas e os grandes museus; é percorrer as cidades e as aldeias e por toda a parte encontraremos as obras de tantos inspirados que nos fallam de Jesus e de Maria, a doce mãe do Redemptor, que nos extremos de amor por seu divino filho, ensinou todas as mães da Terra a amarem os seus filhos.

O quadro do grande pintor hespanhol, Alonzo Cano, que pomos ante os olhos dos nossos leitores é uma d'essas telas inestimaveis que se vêem em um dos templos da catholica Hespanha.

Representa a Virgem tomando seu filho nos braços, talvez na occasião em que offerece ao Pae Eterno o filho de Elle e de Ella, o Salvador do Mundo.

O ESPELHO

Rutila o sol na immaculada esphera!
No ar transparente, o amor e a formosura
Trocam beijos, nos estos da ventura,
Aos punicéos clarões da primavera!

Vestem o tronco annoso as folhas d'hera!
Já canta a prol doirada na espessura.
Tudo tem alma! a humana creatura,
A pedra bruta, a pomba, a besta fera!

Fez-se um milagre em mim! Resurjo aos dias
Das juvenis, das santas alegrias!
Deito um furtivo olhar ao meu espelho?...

Na festa triumphal, a mocidade
Traz-me rosas a flux! E, sem piedade,
O maldito a dizer-me que estori velho!

Monte de Caparica, 20 Abril 1892.

Bulhão Pato.

O AVÔ

AO MEU BOM AMIGO O Ex.^{mo} Sr. Conselheiro
Antonio d'Azevedo Castello Branco

As 10 horas da noite ouviu-se chegar o landau ao trote largo da nova parella de hanoverjanos.

Vinha da estação e trazia além dos clinicos assistentes a grande notabilidade medica, que a condessa á custa das maiores despesas mandara vir de Italia n'um comboio expresso.

Subiram apressados.

A condessa esperava-os na sala contigua ao quarto do avô, de pé, nervosa, afflicta, encostada a uma cadeira de espaldar, com o cabello em desalinho, o robe de chambre de Alençon amarrotado, uma das mãos apoiando a cabeça e a outra cahida, apertando fortemente o lenço.

Elles fizeram-lhe um cumprimento respeitoso, entraram no quarto e fecharam a porta.

A condessa correu para ella inconscientemente, collocando o ouvido como quem quer escutar, em seguida reflectiu, fez uns gestos de impaciencia, andou como allucinada pela sala, e por fim atirou se para cima d'um sophá apertando com ambas as mãos a cabeça.

Ha quinze dias que o velho duque adoeceira e que os medicos haviam perdido toda a esperanza de o curar.

Não era a doença que os assustava, era o doente pela sua fraqueza e pela sua idade.

Elle tambem na rara lucidez do seu espirito tinha como elles comprehendido o seu estado.

Sabia pela longa experiencia da vida que por mais forte que se tenha sido, não ha doença grave que se cure aos 90 annos.

Além d'isso sentia-se enfraquecer dia a dia cada vez mais.

Tinha chegado ao fim, dizia, sosinho, fitando o olhar nos cortinados do leito, passando revista ao seu passado estendido em pelotões chronologicos de saudosas memorias.

A sua vida tinha sido a um tempo uma vida de trabalho, de luta e de felicidade.

No exercicio e na politica chegara ao fastigio das mais invejaveis posições, na sciencia conquistara um nome universal, vivera 90 annos coberto de glorias.

Haviam morrido antes d'elle todos aquelles que elle tinha amado. Restava-lhe apenas um unico

amor que o prendia ainda á vida, uma unica saudade que lhe confrangia o coração.

Era a sua adorada neta. Mas tambem uma unica duvida, um segredo intimo, uma tristeza profunda o atormentava.

Ha vinte annos era a neta em quem elle concentrara todos os seus cuidados, todas as suas alegrias e todo o seu affecto.

A filha, um anjo de bondade e dedicacão, morrera dando-a á luz. Um anno depois, n'uma batalha, morria, batendo-se heroicamente o marido.

O duque então abandonou a vida publica, recolhendo-se ao palacio, e arrumou a espada gloriosa e invencivel para poder ter sempre nos braços o corpo debil e formosissimo da netinha.

Ella foi crescendo, educando-se, e pagando aquelle amor que mais se acrisolava dia a dia, com os seus divinos encantos de creança e as delicadas caricias da sua meiguice, que tornavam aquelle sublime velho a pessoa mais feliz da terra.

Ha um anno a netinha casara com o conde, que se achava agora muito longe cumprindo uma missão diplomatica.

Era um excellente rapaz, digno d'ella, esbelto, rico, valente, instruido, superiormente educado, enfim, uma alma sã e inspirada de artista, aberta a todos os grandes sentimentos generosos.

Amavam-se muito desde a infancia.

Brincaram muita vez juntos n'aquella mesma sala, sob o olhar bondoso e indulgente do avô.

Ao chamal-o o dever partiu dilacerado de saudades da esposa e d'aquelle adoravel velho que elle amava como se fóra seu pae.

Ella não podia deixar o avô, nem o marido em tal consentiria, apesar da enorme tortura que lhe causava aquella separação.

O velho ignorava o heroico sacrificio d'aquellas duas almas.

Elles tinham lh'o delicadamente occultado, inventando outras causas que tornavam impossivel a partida d'ella.

E o pobre velho morreria de tristeza e de saudade se tal tivesse acontecido.

Agora, porém, sentindo-se morrer, dilacerava-o uma tortura intima, filha da indifferença bem manifesta que elle observava na face sempre alegre da condessa.

Ha quinze dias que por aquelle formosissimo rosto não passara a sombra d'uma nuvem de tristeza, e contudo ella bem havia de comprehender quanto é perigosa uma doença em tal idade.

E a idéa que o entristecia era a de morrer sem que deixasse cá alguém que deitasse por elle uma lagrima.

Elle, que tantas tinha chorado pelos outros que tinham morrido!

Nem ao menos ella, a quem elle enxugara todas as lagrimas da sua vida.

As da infancia, quando deitada no collo lhe puxava fortemente as barbas; depois as dos pequenos desgostos pelas bonecas que se partiam, e pelas aias que a contrariavam; depois as de vergonha por não comprehender bem as lições dos mestres; depois as de impaciencia de enamorada ciumenta; depois as de esposa zelosa, e por fim as de saudade pelo marido ausente.

Prodiga de lagrimas, não tinha agora uma ao menos no seu coração que lhe suaviasse aquella dor.

Altas horas da noite, depois de somnos demorados, elle acordava e via a logo debruçada sobre o leito.

Perguntava-lhe então:

— Tu perdeste aqui a noite?

Ella sorria-se e dizia-lhe:

— Que idéa, avô! acordei agora e lembrei-me de vir aqui para ver se estava melhor.

Um dia, porém, pareceu lhe ver lagrimas nos olhos, e ansioso, disse lhe, olhando muito para elles, na doce esperanza d'uma boa resposta.

— Tu choraste?

Ella soltou logo uma risada e disse desabridamente:

— Chorar? Porque? E passando a mão pelos olhos:

— Ah!... isto é porque estou constipada. E sahii cantarolando o estribilho da sua musica predilecta.

Então uma lucta de gigantes se travou no cerebro do moribundo.

Por fim conformou-se, chamou estulto egoismo á sua preocupação, mas não podia deixar de pensar, de pensar sempre, sem mesmo querer, se aquella alegria seria filha da indifferença, se da ignorancia.

Os medicos ao chegarem-se a elle apresentaram-lhe o novo collega, viraram-no, assentaram-no, auscultaram-no, percutiram-lhe o peito e as costas, e por fim um disse:

— Sim senhor! Isto hoje está melhor. Passado algum tempo o médico estrangeiro com um movimento de quem se retira, concluiu:

— O senhor duque está muito fraco e precisa tomar muito leite.

Elle sorriu-se e disse-lhe com grande ar de bondade:

— Sim! Sim! doutor, tem razão, é a melhor alimentação para as creanças.

Deram-lhe uma colher de remédio; trocaram ainda algumas palavras, e saíram.

A condessa correu ao seu encontro:

— Então?

O peito arfava-lhe, e os olhos pareciam querer sahir das orbitas.

Os médicos fizeram um movimento como de quem diz — «está muito mal.»

O medico italiano avançou:

— Está muito fraco e a mais leve commoção o pode matar; deu-se-lhe uma colher de remédio e as onze horas e meia tem de tomar outra. Só muito socego lhe pode prolongar a vida.

— Então desengana-me, não é verdade? Não ha meio algum de o salvar?

O medico olhou para o céu como quem diz — «só se for Deus.»

Cumprimentou-a e sahiu com os companheiros.

Ella ficou só, muda, hirta, alucinada... Depois olhou abstractamente em volta da casa como em busca de Deus, fitou um bellissimo quadro da Virgem; que ornava uma das paredes, cahiu de joelhos ante elle, e apertando nos dentes as rendas d'um finissimo lenço de Bruxellas enterrou a cabeça n'um fauteuil de setim para abafar os soluços.

Ouviu-se então um gemido e a voz d'elle suspirou:

— Julia!...

Ella ergueu-se de repente como um automato, enxugou os olhos, compoz ao espelho o vestido, ensaiou um sorriso e entrou resoluta no quarto.

A luz do outro lado da cama illuminava-lhe de frente o rosto.

Ao chegar-se ao doente, o velho olhou muito para ella, estendeu-lhe a mão para o peito, agarrou um punhado das rendas do vestido, puxou-a para si, fitou-a mais de perto com os olhos desmesuradamente abertos e disse-lhe com uma ansiedade e uma expressão indefinida:

— Tu choraste?

Ella fez logo que não com a cabeça, arregacou os lábios n'um sorriso, mas duas grossas lagrimas, que não poude conter, cahiram sobre a mão do velho.

Elle passou-lhe o braço para as costas, encostou-lhe a cabeça ao peito e n'um destes sublimes arrebatamentos de alegria, que raras vezes se tem na vida, disse-lhe:

— Chora, creança!... Tu sabes lá quanto isso me consola!

Então aquellas lagrimas, tanto tempo contidas, inundaram as barbas e peito do velho duque, os soluços rebentaram como explosões continuas daquelle coração dilacerado.

O velho tinha na face um sorriso divino onde se traduzia toda a ineffável ventura que lhe ia na alma; de repente respirou com mais força, e o braço, com que a apertava ao peito, resvalou e ficou pendurado no leito.

Ouviram-se duas badaladas.

Era o velho relógio de agatha e inzrustações metallicas que, sobre o bufete de tartaruga e ouro no gabinete contíguo, dava onze horas e meia.

Libanio Baptista Ferreira.

De como um empresario era phoca e se transformou em cão

Um dos espiritos mais observadores e mais genuinamente originaes do presente seculo, e que occupa lugar tão especial entre os vultos da litteratura moderna, Mürger, o escriptor tão verídico das scenas da «vida tirada», o celebre auctor de *Vie de Bohème* — narra, em um dos seus estudos, a seguinte anedocta curiosa:

Ahi por meados d'este seculo, um theatro parisiense que explorava o *ryndeville*, genero de litteratura scenica muito em moda, n'essa época, funcionava sob a direcção de um certo asiatico — ente assaz exquisito — e que deixou, na sua carreira de empresario, recordações capazes até de offuscar a memoria de Harpagon e do proprio Grandet.

Ensaivava-se no sobredito theatro uma peça,

para a qual fôra escripturado um cão, cujo papel consistia apenas em ladrar por duas ou tres vezes, no: bastidores, durante um qualquer lance dramatico.

Na vespera da primeira representação, realisou-se, como é costume, o ensaio geral: o artista canino, porém, faltou à entrada.

O nosso asiatico, que falava francez de preto, teve um d'esses ataques de furia, que o tornaram para sempre celebre:

— Cão! onde está cão?! berra o homemzinho amarello, rabioso, enfurecido!

— Mim não achar, responde o ensaiador, reduzido à necessidade de falar o idioma do seu director, para que este o compreenda.

— Você muletar cão — quando achar elle!

Desata o pessoal, em peso, á procura do cão, por todos os cantos. Esquadrinham o theatro de alto a baixo, desde o urdimento até ao subterraneo. — Baldadas pesquisas! Era uma vez cão!

— A peça vai amanhã, diz um dos auctores; já não ha tempo de ensaiar outro cachorro. O remédio é alugar, por ahi algures, bicho amestrado e capaz de representar amanhã. Mande indagar ao theatro dos cães sabios, a ver se por lá se aranja algum.

O sovina do asiatico, porém, como lhe cheirasse a novas despesas, recusou terminantemente o alvitre.

— Vocemecês corta scena cão, — vocifera o energumeno cor de gengibre, dirigindo-se aos auctores.

— Nós não cortar — respondem elles — voce-mecê aceitar peça com cão; voce-mecê pôr para aqui cão para representar peça, quando não, nos mandar a voce-mecê papelinho sellado e tal, etc. —

Como quer que a discussão, pelo geito que levava, estivesse em riscos de nunca ter fim — o actor L... um dos comicos mais applaudidos dos theatros parisienses, emulo do celebre Brasseur, em imitações vocaes de alliariarias, declarou aos auctores que podiam ficar descansados, pois se promptificava, desde já, a imitar o cão; e o caso é que logo ali lhes apresentou tão perfeito specimen do orgão canino, que todos, por momentos, chegaram a acreditar que o pensionista desertor fôra encontrado.

O tisanado empresario, querendo dar ao artista que tão boa vontade mostrava testemunho da sua gratidão, immediatamente lhe offereceu uma pitada — por saber, já se vê, que o artista não cheirava rapé.

Muito a contento do publico, que nem por sombras suspeitou da artimanha, o comico fez de cão durante vinte recitas consecutivas. — Succede, porém, á vez, aquelles que insistem demasiado em imitar qualquer pronuncia viciada, adquirirem involuntariamente defeito na fala — e o nosso artista veio a perceber, não sem susto, que começava a falar cão, até mesmo na vida intima.

Dava-lhe alguém os bons dias, e elle sem querer respondia: bêu! bêu! — Se o moço do café lhe perguntava o que queria tomar, o nosso hystrião *cynoglossa*, a seu pesar, latia: bêu! bêu! — Porém, caso estupendo! — não só falava o canino idioma, mas o que é mais, compreendia-o — e, se acaso na rua topava com qualquer mastim, gozo ou fraldiqueiro, não estava mais na sua mão resistir ás tentações de se intrometer na conversa.

Até que enfim, certa noite, estando no camarim, a vestir-se, e no acto de se caracterisar, descobre, horrorizado, que nas orelhas lhe vinha crescendo pelo de cão. — Atterrado perante tão perigosa identificação, sem mais tir-te nem guarde declara ao empresario que, desse por onde desse, não tornaria mais a ladrar, na coxia.

O asiatico deu então aos seus administrados mais um espectáculo d'essas suas tão estupidas e grandiosas turias, cuja contemplação muito aproveitaria, decerto, a qualquer pintor de tempestades.

Vem offerecer-se um machinista como substituto do actor que se despedira. — Exigem-lhe que se submeta á experiencia: o bom do carpinteiro ladra... por uma matilha inteira. — Um veado de papelão, que para ali estava na casa dos adereces, apanha um susto de tal calibre, que elle ahi vac, pelo palco fóra, pernas para que te quero.

Sausfeitissimo, o asiatico offerece uma pitada ao machinista, em testemunho de inolvidavel gratidão. — O machinista não gasta — requisita mais uns tantos por cento, para uma pinga — questão de afinar a garganta.

— Você gratificação! Porquê? — clama o empresario cor de cífra, tingindo-se desentendido — você querer pinga? Você não ouvir chover? pinga de mais — é boa!

O machinista, porém, põe os pontos nos i i —

não ladra de graça — exige mais um tanto, por cada recita.

O empresario recusa em arabe — o machinista insiste em francez. — Entre acto compridissimo — Publico pateia, como damnado — Commissario apparece no palco — Empresario quer dar explicações — Fala tudo lingua de preto... tal qual uma recita da «Cabana de Pae Thomaz».

Mas afinal, — o panno tinha de subir — asiatico toma resolução heroica — Panno acima — principiar acto — eu faz cão! — Eu sosinho! eu não dar gratificação a mim!

Ainda assim, em prova de gratidão para commigo mesmo, — offerece á sua pessoa uma pitada — que a sua pessoa recusa.

E o caso é que o homemzinho lá foi fazendo de cão, e com tanta limpeza o fez, que os espectadores, no final do acto, ás chamadas, todos á uma, por entre ruidosas salvas de palmas, clamavam:

— Joli! venha o Joli!

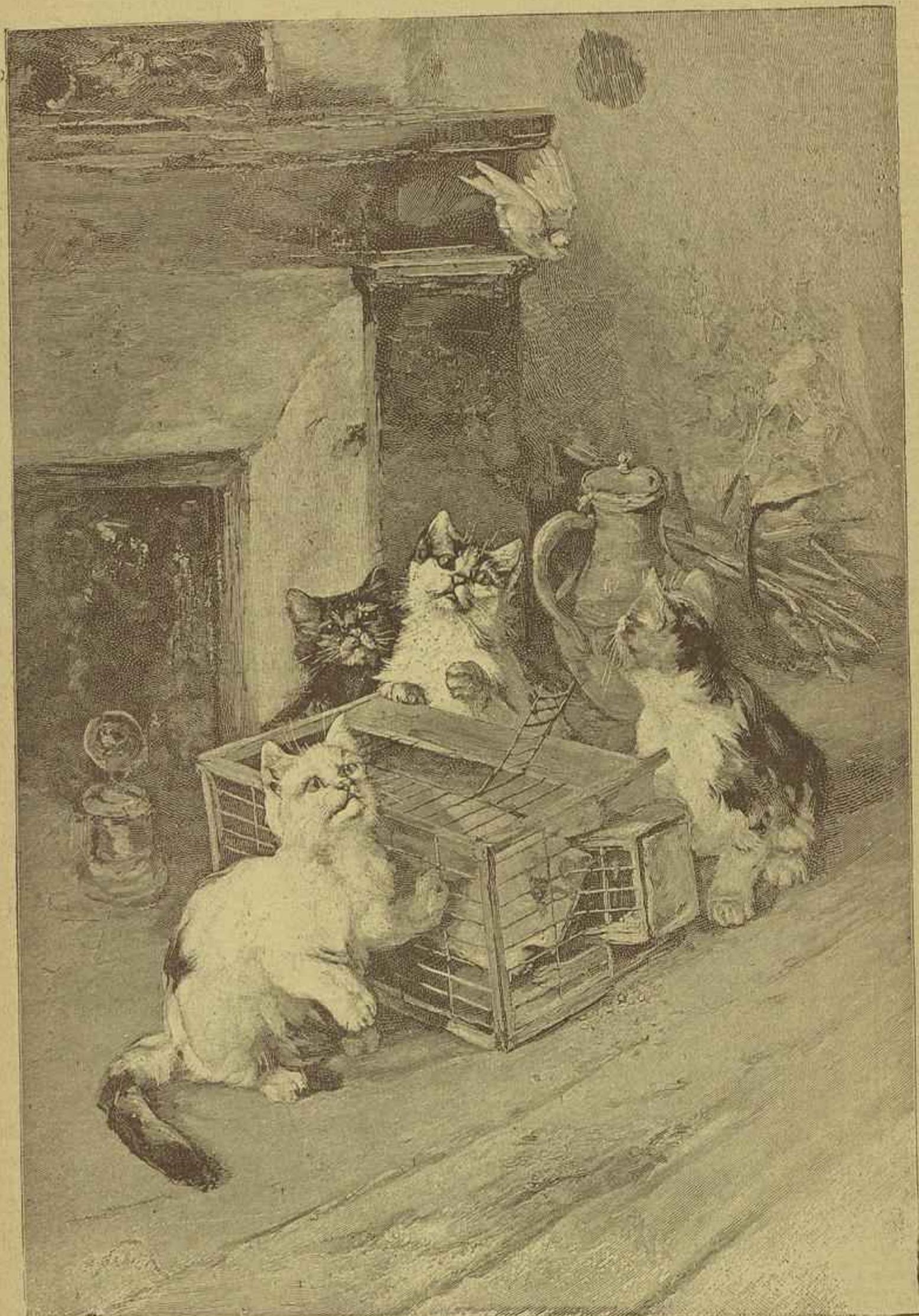
Pin. Sel.

EM PERIGO

QUANTO — diz o gato, que arranha... Eis a synthese do que a humanidade pensa d'este seu aliado e doméstico servidor. Não tem Plutarchos o interessante felino: não ha gatos illustres. Ha cães celebres, immortaes. Cita-se, desde a antiguidade, o de Alcibiades, cuja cauda nos apparece ahi todos os dias no jornalismo e na litteratura; é famoso o de Aubry de Mont-Didier, e á sua historia é um dos melhores ornamentos da *Moral em acção*; os biographos de Lamartine não esquecem os seus galgos, e o artista que esculpiu a estatua do seu monumento lá lhe collocou um, deitado aos pés; Walter Scott, o grande romancista, na sua residencia senhorial de Abbotsford, tinha uma coorte d'elies, de todas as variedades, de todas as cores e tamanhos, e tratava-os com tal carinho, tinha por elles tal sympathia, que não os sacudia de cima das cadeiras, ainda mesmo quando elles levavam o atrevimento ao ponto de se deitarem n'aquella em que elle costumava sentar-se! Na vida de Lord Byron figuram dois cães celebres — dois terras-novas; *Boatswain*, o primeiro, o companheiro da sua mocidade, e *Lyons*, o ultimo, nascido na Grecia, do mesmo sangue d'aquelle, e que acompanhou, desde Missolonghi, o cadaver do grande poeta do *Childe Harold* e do *D Juan*, até Newstead Abbey, o solar dos Byron na Escocia. O dedicado animal seguia, oivando, o carro funebre.

A imagem d'um cão representa para nós a fidelidade. Atacado da terrivel doença, de que tem o triste privilegio — immerecido castigo que lhe infligiu a natureza — foge de casa, onde parece ter a consciencia de poder commetter o maior dos crimes — morder a mão bemfeitora do seu dono — e vai morrer longe. Dotado d'uma coragem, que não recua diante de obstaculo algum, e a quem o numero não intimida, dá-nos exemplos d'uma abnegação absoluta, sobrehumana, d'estes que nós não podemos nem contemplar, nem ler, nem ouvir, sem que os olhos se nos marejem de lagrimas! Tem inspirado grandes poetas, e os maximos escriptores; dedicou-lhe algumas das suas mais formosas paginas Buffon, o grande naturalista; um livro admiravel de Dumas pae — o grande Dumas — a *Historie de mes bêtes*, deve-lhe as suas mais originaes historietas, as suas mais desopilantes anedoctas, e, finalmente, Michelet — o egregio historiador, o primoroso estylista — resumiu em uma só phrase — synthese admiravel — tudo o que se pode dizer das qualidades e das virtudes moraes d'este animal, quando disse: *le chien est un candidat à l'humanité!* Mas a natureza deu-lhe a *raiva*, e negou-lhe a palavra! Mysterios...

Aos gatos chamamos-lhes bons, quando se deixam aflagar, quando não correspondem a uma caricia com uma unhada! O cão segue o dono para toda a parte, o felino prefere muitas vezes a casa, e tirado d'ella, para lá volta — o dono esquece-o, é-lhe indifferente. Aquelles olhos, de dia somnolentos, aquellas pupilas, que se contraem proporcionalmente á intensidade da luz, e que foram feitas para ver nas trevas, aquelle pelo sedoso e macio, aquelle dorso flexivel, aquella enorme agilidade, aquellas unhas que não lhe impedem a marcha, e que são umas armas terriveis para segurar a preza e para a dilacerar, são os caracteristicos d'um carneiro, d'um caçador nocturno. E por isso, chegada a noite, é difficil contello, é necessario fechalo. De dia dorme — é de noite que elle caça, que elle guerreia, e que elle ama. E isto em todos os graus da gerarchia feina — desde o gato até ao leão.



EM PERIGO

— Ha gatos amováveis — dirá a leitora, affagando o seu *Charmant*, ou o seu *Tareco*.

— Ha, sim, minha senhora. Concedo que haja até alguns virtuosos. Mas são excepções, e as excepções confirmam a regra.

Em pequenitos vellos brincar uns com os outros ou com a mãe, é um espectáculo deveras encantador. Tem immensa graça — todas as suas posições, todos os seus gestos, são d'uma rara elegancia, d'uma superior gentileza. E essa elegancia conservam-na, depois de adultos.

Champfleury, um escriptor francez, morria por elles. No dia em que elle visitou, pela primeira vez, Victor Hugo, quem primeiro lhe fez as honras da sala foi um magnifico Angora, um esplendido animal. O auctor do *Realismo* travou immediatamente relações com o bichano, e quando o grande poeta abriu a porta da sala, formulando já uma daquellas phrases sonoras e grandiosas, que elle dispensava aos seus amigos e admiradores, deu com uma scena, na verdade original e extranha. Champfleury rebojava-se no tapete com o gato, n'uma fraternidade altamente impressionadora e commovente, se não era de todo o ponto correcto! O gato, esse portou-se bem, houve-se como um *gentleman*, e o visitante sahio intacto d'aquelle tripudio, não desmentindo, nem no rosto, nem nas mãos, a proverbial hospitalidade do auctor do *Hernani*! Este livrou-se tambem de boa! Que diriam os seus inimigos — sempre os teve — se o outro saísse d'ali com a cara a escorrer sangue!

Ter gatos na sala, além do mais, é perigoso. O seu lugar é na casa de jantar, na cozinha, no jardim, em casa dos outros... Sobretudo em casa dos outros: é o melhor. Lá comem, lá bebem, lá arranham, lá...

Ora attente o leitor na scena que a gravura representa. Quatro *Angoras* esplendidos, nedios, vigorosos, de magnifica pelagem, tomavam, ha pouco, alli o sol, e faziam a sesta, com o seu compassado *ron ron*. No alto da parede, ao lado do logão, um canario belga, cheio de vida, principia as suas volatas, os seus trilos, chamando a attenção para a sua gaiola. Olhou um, olhou outro, olharam todos os gatos. Espreguiçou-se um, e outro, e todos, sentando se como verdadeiros amadores, que se sentissem enlevados pelas *floriture* e gorgeios do *virtuose*. Este ora descia do poleiro ao comedeiro, ora se lançava ás grades douradas da sua prisão... Elles principiavam a sentir desejos de se approximar, de o contemplar, de o ouvir mais de perto, até que de repente, um, mais impaciente, mais audaz, d'um salto encurta as distancias, e zás... A gaiola, sacudida violentamente, vem de chofre a terra! Mas, felizmente, as garras do assaltante não alcançaram a canora avezinha, e lá está ella poisa-la, nos supportes do fogão, offegante, com as azitas agitadas pelo terror. Elles olham, procuram-a com a vista: o infeliz corre um serio perigo, se dão com elle... Está-lhes ao alcance. Elles são tão ageis!... Salvar-se-ha o misero?

Nós ficamos fazendo votos, para que o artista não nos dê, em outra composição, o ultimo acto d'essa tragedia — a morte do cantor.

Zacharias d'Aça.

AS ESTRELLAS DO CEGO

Noite de Natal. Terminára a missa. Repicavam sinos e o povo descia alegre pelas vastas escadarias da igreja.

A noite era cheia de estrellas, luzes d'um altar immenso sob o immenso docel de veludo azul. O ar era frio e as estrellas scintillavam.

Ainda nos eccos da alta abobada em berço re-soavam os ultimos cheios do órgão do convento. Pela porta aberta de par em par, onde a multidão se acotovelava na sahida, vinha de dentro do templo um perfume religioso de flores, de fumo de incenso, de cera queimada.

O altar reluzia ao fundo e as luzes enchiam de reflexos scintillantes as lentejoulas, os fios de seda dos mantos bordados da Santa Familia, da colza de damasco no berço pequenino, em que o Menino Jesus dormia.

Repicavam sinos e as ondas sonoras subiam no ar denso da noite fria, entre a algazarra do povo, massa escura caminhando para a noite escura. A alta frontaria da igreja, carcomida pelo tempo, revestida de velhas camadas accumuladas de musgo, destacava-se do céu em mancha muito negra, d'onde sahiam jorros de luz, ondas de harmonias, luz e canticos de triumpho.

Um pequenito desceu as escadarias levando um cego pela mão.

Iam fechar as portas da igreja. Sahiam os ultimos devotos.

O cego era um velho corcovado, tremulo, com as faces enrugadas como um pedaço de papel amachucado. Os olhos sem luz voltava-os para o céu, meneando a cabeça constantemente, como se procurasse alguma coisa. E sorria. Dava a mão ao pequenito e descia os degraus tacteando-os com os pés.

— Ainda mais um, avôsinho... E outro... E outro.

Fecharam as portas da igreja. O candeeiro da esquina mal allumiava o adro.

E o cego sorria e afagava a mão do pequenito.

O povo espalhou-se pelas ruas. Eram como estilhaços de alegria por toda a cidade.

Vinha a gente descendo por aquelles beccos tortuosos, pelas travessas íngremes. E parecia que todos levavam n'alma um pedaço da luz d'aquella noite em Belem cantada nos evangelhos, da alegria d'aquella musica ouvida no templo, quando os sinos repicaram e o côro entoou o *Gloria in excelsis*! Todos falavam, todos riam, muitos cantavam. Era a ceia prompta em casa, era o dia seguinte todo elle inteiro de descanso!

Noite de Natal! Noite de Natal!

E eu fui por ali abaixo tambem, atraz do cego.

O pequenito teria oito annos. Loiro. D'olhos azues. Olhava para as estrellas que scintillavam lá em cima, olhava para onde olhava o cego.

Os seus olhos tinham a cor do céu e o que n'elles brilhava tanto podia ser um reflexo das estrellas como a luz placida da sua almazinha.

Caminhavam os dois por ali abaixo e conversavam. A voz tremula do velho respondia o pequenito. E o que elle dizia compassadamente, com a sua vozita infantil e argentina, devia de soar aos ouvidos do avô ainda como um canticco, como se um anjo d'aquelles, que haviam aos pastores anunciado a vida do Senhor, houvesse ficado na terra; porque o cego continuava sorrindo, e, a descer pelos beccos escuros e tortuosos, dando a mão ao neto, fitava os olhos condemnados ás trevas lá em cima, muito em cima, d'onde vinha aquella luz toda, que alegrava os olhos da criança.

Conversavam os dois em tom alegre. Eu ouvia bocadinhos do que diziam, palavras soltas, por onde, mais ou menos, reconstituia a conversação.

Esperava-os em casa a mãe do pequeno, filha do cego. Os dois levavam fome. A mãe ficara em casa fazendo a ceia. E ao velho ouvi dizer uma ou duas vezes gulosamente:

— A canja.
E o pequenito:
— Degrão, avôsinho.

E o cego, muito attento, vagarosamente, tacteava o degrão com o pé, afagando a mão do pequeno, cantarolando.

Pelos beccos, pelas travessas, pelos arcos dos pateos irregulares, cheios de sombras, disseminara-se a gente. Iamos agora sós, nós trez, n'aquelle caminho.

Ouviam se ainda passos ao longe, eccos de vozes, uma ou outra guitarra em lojas fechadas, onde hrihavam as frinças das portas; de quando em quando um bater de palmas ao guarda nocturno, passos correndo, um tinir de chaves. Um gallo cantou n'uma trapeira.

— E' tarde, disse o velho.
Caminhavam mais depressa agora.

E eu continuava sempre atraz d'elles, sem saber bem porque, atrahido talvez pela dôcura d'aquelle quadro, pelo encanto d'aquelle grupo, pela meiguice d'aquellas vozes, por ver tanta alegria onde tanta miseria se cuidava, tanta paz n'aquellas almas, onde tanta dôr era facil de suppôr-se.

Passel-lhes adeante uma vez. Esperei junto d'um candeeiro. Quêria ver-lhes ainda uma vez os rostos.

O cego continuava a olhar para o céu, meneando a cabeça. O pequenito ao lado, agora que na rua tinham acabado os perigos, olhava para onde olhava o cego.

Os cabellos loiros, em anneis, não lhe cabiam dentro do chapé e cahiam-lhe, revoltos, pela testa, ao longo das faces, pelas costas.

Era lindo, lindo! E o cego, que o não via, continuava a sorrir!

Deixei os passar adeante e continuei a seguir.

A rua alargava entre as casarias irregulares. Caminhavam mais á vontade agora, mas haviam-se calado. Talvez resultado da minha indiscrição.

Faziam ecco na noite fria os nossos passos sobre a calçada na rua deserta.

Pararam. O velho bateu cinco argoladas á porta d'uma casa esguia, muito alta, com grades de

madeira nas janellas cheias de vasos. Passados poucos segundos ouviu-se a pancada violenta do trinco puxado com força pela corda.

O cego e o pequeno desapareceram na escuridão da escada. A porta bateu violentamente. Castigo da minha curiosidade.

Ouvi ainda o velho cantarolando, escada acima. Pouco a pouco a voz sumiu-se. Encostei o ouvido á fechadura. Ouvi-lhes ainda os passos, sumindo-se a cada volta da escada, uma voz muito alegre — devia de ser a da mãe do pequeno recebendo-os — palavras imperceptiveis. Fechou-se lá em cima uma porta.

E eu passei para o outro lado da rua e fiquei-me a olhar para aquella casa.

Era noite de Natal, noite de festa, noite cantada pelos poetas. Talvez as cordas da minh'alma vibrassem ainda em unisono com os cantos d'aquellas vozes de mulheres, singelamente entoados por detraz das grades do côro, hymnos muito simples ao Deus Menino nascido.

O céu era d'uma pureza immaculada. As estrellas vibravam raios de luz intensissima. Fazia frio.

E eu quedava-me a olhar para aquella casa, tão pobresinha, tão velha, tão escura, tão cheia de flores d'alto abaixo!

Uma janella no télhado illuminou-se.

Começava a ceia do velho. Eu reconstituia o grupo dos trez: a mesa encostada á parede na trapeira muito baixa, o velho aspirando os perfumes da sopa, a terrina sobre a toalha muito branca, o pequeno defronte do avô e a mulher a sorrir-lhes, ouvindo-lhes as historias, o throno, o presepio, a missa, o canto das freiras e a vinda por ali abaixo a horas mortas, a minha perseguição.

Que deliciosa ceia! Que paz tranquilla! Que boa noite de Natal!

Bem falava o cego na canja, rua fóra, pela mão do pequeno. Quem não tem olhos, tem melhor paladar.

E o pequeno como devora! E' que é tarde, que não costuma estar de vela áquellas horas! Comprida manhã terá na cama. Já os olhotos se lhe começam a fechar.

E a mãe a rir, contente de os ver assim!
Que boa noite de Natal!

Fitára os olhos na janella, não podia d'ali tiral-os. Tambem eu agora olhava para cima, como ainda agora o pequeno para as estrellas, o cego não sei para onde.

Porque olhava o cego para o céu?

Tornou o gallo outra vez a cantar. Ouvi o, ao longe, mais alegre como quem já adivinha a madrugada.

Ha quanto tempo estava eu ali? Porque olhava para aquella trapeira?

A luz da janella apagou-se.
Encaminhei-me vagarosamente para casa.

Havia tantas estrellas no céu! Como era linda aquella noite de Natal! Como tinha razão o pequenito dos cabellos loiros de olhar para as estrellas! Que quantidade de luz! Tantas! Tantas!... Talvez o pequeno se lhe mettesse em cabeça de contal-as! Houve uma, quando vinhamos pela travessa abaixo, que passou correndo, deixando um rastro muito longo. Era como a estrella dos Reis Magos. Que luz que tinham os olhos do pequenito! E o velho cego sorrindo ao pé d'elle, com os olhos tenebrosos postos no céu! Porque? E' que se lhe voltavam para lá os olhos d'alma, é que na alma tinha elle mais luz do que o pequeno nos olhos.

E vejo-os ainda a descerem pelos beccos, o velho meneando a cabeça, o pequenito a dar-lhe a mão, ambos com os olhos no céu, a estrella a correr...

Que lindas estrellas vê o cego!

João da Camara.

O ENTERRO DO PASSARINHO

ENCANTADOR assumpto que representa o notavel quadro francez, cuja gravura damos, deve forçosamente ter merecido do nosso leitor o epitheto de gracioso. E como não assim?

Embora descamos a analysar os menores detalhes, mais se affirmará o bem sentido das expressões e o bem estudado das figurinhas. O artista pintou um quadro d'aquelles cuja admiração se nos impõe.

A delicada scena magistralmente tratada torna-o uma verdadeira obra d'arte. E é tão raro vêr conjugados esses dois elementos que sempre se torna bem vindo um trabalho da valia d'aquella de que ora fallamos.



Morreu o passarinho!

E todavia tinha elle cantado tão bem ainda nos ultimos dias, quando dentro da gaiola que se pendurava na hombra da janella do celeiro que deitava para o pateo da granja, a qual se vê ao longe. E quanto mais algazarra faziam os pequenos sarrazinas brincando, elle, o pobresito, tanto mais redobrava seus gorgeios como que lhes ralhando ou confraternizando com os gritinhos argentinos, sonoros e meigos, dos rapazinhos, uns traquinas muito sufficientes. Attraídos pelo melodioso cantar do passarinho acudiam todos ainda com maior ruido a ouvi-lo e a dialogarem com elle perguntando-lhe cá do pateo:

— Queres papar, queres? dizia-lhe com interesse a mais pequenina dos seis, que mal teria dois annos de idade.

— Talvez não tenha agoa, dizia ella, a Mariquinhas, e punha-se nos biquinhos dos pés a estender o pescoco a espreitar se o bebedeiro estava cheio.

Entretanto chegavam os outros quatro rapazinhos mais crescidos. O João arrastava, ajudado pelos irmãos, uma velha arca vazia, que estava ao sol para largar o gorgulho que ia ao milho, e depois de muitos esforços lá conseguia encostá-la á parede, subir-lhe para cima e tirar a gaiola do prego.

Os mais seguiam-lhe os movimentos com a maior curiosidade e pediam para que pozesse o passarinho no chão. E assim se fazia. O João saltava da arca e punha a gaiola sobre o empedrado do pateo e os irmãos deitavam-se, uns de bruços outros meio sentados, á volta da gaiola entreteendo-se em vê saltitar a avesinha, do poleiro para o comedoiro ou para o caco da agoa, cantando sempre. Ao passarito não o assustava ver tantos olhos a prescutarem a sua faina. Parecia que até lhes queria fallar, requebrando os seus gorgeios. Para o Luiz o passarinho era todo os seus encantos. Quando por acaso o pae lhes tirava a gaiola, pondo-a no seu lugar por causa dos galgos, só um se quedava estarecido e hesitante dirigindo uns olhares furtivos e magoados para a avesinha que vendo-se bruscamente afastada d'aquella sociedade cessava de cantar. A pobre avesita estranhava tanto! Agora só via a parede denegrida e esverdeada a que haviam encostado a sua habitação toda feita de troços de vimes delgados.

Na verdade o Luiz queria muito ao passarinho, dava-lhe pitadinhas do miolo do seu merendeiro, chamava-lhe bonito, e ás vezes n'uma expansão maior queria-lhe fazer festas, mas a avesinha assustada por ver dirigir-se-lhe aquella mãozinha gordinha, como uma bola, fugia para o outro lado e d'ahi uma serie de tentativas por parte de Luiz que entalava, de vez em quando, os deditos entre os vimes, e um continuado esvoaçar do passarinho intimidado: o pobresito andava como doido, batia com a cabeça pelas grades e por mais de uma vez aconteceu o Luiz fugir a chorar gritando que o seu passarinho estava bravo.

— Eu queria agarral-o, explicava elle, todo lacrimoso, á mãe que accudira, olhando de soslaio para a avesinha que de tanto esvoaçar e debater-se pelas grades largava algumas pennas.

E a boa mãe lá dependurava outra vez a gaiola informando-se se tudo estava em ordem e trazia para dentro de casa o enamorado Luiz; limpava-lhe os olhos com uma ponta do avental, dava-lhe um beijo e mandava-o com qualquer recado aos irmãos:

— Vae ao João que te dê um bocadinho de *tome lá*, dizia-lhe ella para que elle a deixasse e fosse ter com os irmãos.

— Não enganes a creança, Catharina, dá-lhe antes estas maçãs para os outros, dizia o pae enternecido pela carinha triste do rapazinho; ao que a mulher replicava:

— Deixa-o ir, deixa, que enquanto vae e vem não está o caminho sem gente.

E o Luiz lá ia ter com os irmãosinhos a pedir-lhes o bocadinho de *tome lá*, e estes recordando-se da mãe vinham todos a correr pela quinta fora, uns atrez dos outros, a pedirem tambem de comer.

Dava-se então um verdadeiro assalto, todos de roda da mãe puxando-lhe pela saia, alçando os bracitos pediam, uns peras, outros maçãs, outros balbuciavam uma queixa qualquer:

— O João não me deixou lavar na agoa, dizia sentidamente a Mariquinhas, pendurando-se no avental da mãe, que vendo-a toda encharcada lhe pegava ao collo, tratava de lhe vestir outra roupa, e fazia por apaziguar o alarido dos outros cinco com diversas evasivas maternas:

— Calem-se que já vão jantar. O João vae vê se o Piloto está lá fora, ordenava ella para o en-

treter um bocadinho. E tu, Margarida, vae tambem. O Francisco, O Antonio, vão ao pae que está a chamar; e assim já mais livre entregava-se ao penso da Mariquinhas, que era a mais pequenina e que estava a rabujar com somno.

D'ahi a pouco, vinham voltando todos, á formiga. A Mariquinhas adormecera, e a boa mãe sollicita desenvolvia toda a sua actividade em lhes *tapar a bocca*, como ella dizia, deitando as sopas de caldo verde nos pratos de barro encarnado e distribuia as colherinhas de pau, cortava o pão, deitava mais caldo ao Francisco que queria muito, tirava algumas sopas do prato do João que não queria tantas, emfim um verdadeiro desespero para qualquer que não fosse a propria mãe. E ella, a boa Catharina, sollicita, multiplicava-se acudindo a todos, inclusivê aos moços da quinta que em momento tão pouco opportuno reclamavam a chave da arrecadação para tirarem de lá outra sachola e uma enxada de bicos para fazerem a rega.

Depois de jantarem os cinco grazinas foram para o pateo. Mal lá chegaram logo o Luiz alçou a perna para cima da arca e ficando de joelhos olhou para a janella e viu o seu passarinho no fundo da gaiola. Rompeu então a clamar pelos irmãos gritando:

— Olha! o meu passarinho está morto! E chorava tão sentidamente como só se chora n'uma idade em que se não sabe o valor das lagrimas.

Aquelle grito d'alarme e de dôr, accorrem todos os irmãosinhos, embora alguns d'elles estivessem entretidos a atar o *Piloto*, o cão grande que era muito manso, ao varal de um carto de madeira para que elle puxasse. Houve então côro geral a cujo unisono veia a mãe pressurosa informar-se e vendo o passarinho morto teve a ideia de lhes lembrar que fossem enterrar o pobresito. Ensinou-lhes a fazer uma cruz, mandou-os buscar flores, arranjou-lhes o carrinho e disse-lhes que fossem fazer uma cova ao pé das arvores que estavam lá em baixo do lado de cá da estrada. A Mariquinhas accordara, tambem quiz puxar o carro, e agora lá vão ordenadamente prestar as honras funebres á avesinha tão querida de todos elles. O Luiz, enxugando os olhos muito a miudo, acompanha no couce, levando a gaiola.

A mãe sorri-se, bondosa e contente, por os vêr entretidos e na esperança de que será por um bom pedaço que a deixarão livre para tratar do arranjo da casa.

Da forma como elles estão cumprindo a sua missão, boa prova dá, aos nossos leitores, a gravura que publicamos. N'esse quadro o artista deixou-nos entrever tudo o que acima dissimos, mas o leitor se não ficar contente com os antecedentes expostos pode agora variar as consequências, tendo nós a certeza que, nos rostos dos pequenitos, no aspecto triste do cão, nos adornos do trem funereo ha de achar, decerto, uma doce poesia, uma encantadora emoção, que tentámos aproveitar n'estas desprezenciosas linhas.

Estevcs Pereira.

PRIMAVERA E MOCIDADE

Primavera e Mocidade! eis o que representa o nosso quadro.

Tudo é vida n'essa primeira estação do anno, tudo é esperanças ridentes nos primeiros momentos da adolescencia.

Vestem galas todas as plantas, arvores de fructo ou parazitas nocivas. A creação sublima-se, a natureza accorda do seu somno de um longo inverno.

A' maneira que desabrocham as flôres nos arbustos e a terra se atapeta de folhas perfumadas, a vida accode suavemente, como a seiva reanimadora, e insufla novo vigor ao organismo anestesiado em tão fundo entorpecimento.

Tudo revê e se retempera sob o sol creador de tal epocha. O aroma das flôres conjuga-se com o cheiro acre mas agradável da terra que liberta a sua humidade, e tudo contribue para que pareça festivo incenso as nuvens de vapores que se elevam da relva verde de esmeralda, começada a doirar pelos raios purissimos do sol nascente. Já não é a côr violeta, roxa como que de frio, que se apercebe no céu, é a rosiclér que annuncia a aurora.

E a fresca madrugada lança em a corolla de cada flôr uma gotta d'orvalho que a fecunda, que a abre, que a faz sorrir furtivamente entreabrindo as pétalas como uma dama discreta sorrindo-se por detraz do seu leque rendilhado.

Tudo encanta, tudo chama docemente á alegria. Os passarinhos dão o exemplo e requebrando os seus cantos melodiosos e enebriantes espalham na atmosphera um ruido de festa, uma harmonia indescritivel, sublime.

Vae subindo o sol — rutilante bloco de ouro gemmado no azul dos céus — e os seus raios resplandecentes já a promo tem um suave calor que adoça a frialdade da estação passada, que aquece o coração.

Primavera! primavera, parece dizer a propria natureza em festa.

Seductora quadra da vida que n'ella se reflecte só mudando de nome — Mocidade!

Mas oh! tristeza nem só de nome é a sua mudança, ha uma differença enorme que na natureza todos os annos ha primaveras e na vida só existe a primavera da mocidade.

Ha aqui um symbolo profundo que convem decifrar: é que a primavera humana não deve ser desperdiçada. Assim tambem o auctor do nosso quadro nos deixa perceber a intenção formal do apreço que se deve ter por esta quadra tão formosa da vida e da natureza. E n'elle transparece ainda mais, como que uma allusão, ao aproveitamento d'essa epocha. E durante ella que as arvores fructíferas vão florindo e recamando as suas hastes nuas de prometteedoras produções. D'ahi se tira o horoscopo da abundancia ou da escassez da colheita. Alli no nosso quadro se mostra como so a mocidade applicada ao estudo deve mais tarde disfructar a abundancia, pode merecer o respeito, o affecto e a admiração de todos aquelles que forem justos.

Edificante ensinamento, exarado n'uma obra artistica de forma tal que a suggestão é perfeita. Vae desde o renascer das arvores, do crescer do joven, até ao trabalho mechnico da povoação que se descortina lá no fundo do quadro...

Elmanoel.

PRESENTE DO NATAL

LENA CHRISTA

LAURA e Pedro eram dois pobres orphãos, que no desabrochar da vida sentiam já bem fundo cravados no coração os espinhos da miseria, que é o patrimonio dos desprotegidos da sorte.

Uma pobre choupana de paredes fendidas, em meio de quatro castanheiros quasi seculares, na encosta escarpada da montanha agreste, a alguns kilometros do povoado, era toda a fortuna d'aquelle casalisito d'aves implumes, que tão cedo se vira só em o ninho onde fôra gerado.

A desgraça, porém, não havia ainda extinto n'aquellas almas purissimas o alvor da resignação e o facho da esperanza, alentados pelo sentimento sublime da religião, que os paes haviam acendido n'aquelles cerebros infantis.

Quando as brisas da tarde levavam ao sombrio pardieiro o som melancolico do toque das ave-marias, era bello vêr o quadro que apresentava o juvenil par ajoelhado ante a imagem da Virgem, que tantas vezes fôra tambem na hora das tribulações o conforto dos paes extinctos.

Laura, prostrada no plano mais proximo da imagem, de mãos postas em attitude supplicante, e Pedro, um pouco mais afastado, de mãos cruzadas sobre o peito, rezavam com o fervor proprio da mocidade, evocando a memoria dos mortos e rogando á Virgem os protegesse a elles na terra contra os baldões da sorte adversa.

Que de suspiros repassados de saudade subiam de seus labios n'aquelles momentos! E que lagrimas aquecidas pela fé lhes rolayam pelas faces!

Doce crença! consolador alento!

Quantas vezes Laura, após a prece, se erguia animosa e forte para abraçar o irmão, pedindo-lhe coragem, e affirmando-lhe que tamanho infortunio não seria constante!

— Sim, meu pobre irmão, dizia Laura; ha uma voz intima a segredar-me que a Virgem nos ha de deparar um futuro sem privações; que ainda possuiremos meios de fortuna sufficientes para restaurar a nossa arruinada habitação, para fazer uma pequena cultura e apascentar na montanha um rebanho de muitas cabeças.

Fementida esperanza, retorquia lhe Pedro; quem ha de, minha doce irmãinha, condoer-se da nossa triste sorte? Bem vês: hoje mesmo, após um dia de trabalho muito superior ás minhas forças, apenas pude arrancar do seio da terra um feixe de raizes d'um valor insignificante.



PRIMAVERA E MOCIDADE

Não é assim, querida que se supplanta a miséria.

Uma nuvem de tristeza toldava então o céu limpo d'aquella fronte virginal, mas a sua passagem era rápida: bem depressa o sol da esperança raiava de novo no seu olhar inflamado pela fé, e Laura quasi se envergonhava de ter fraquejado por momentos.

Se não tinha uma palavra que oppôr aos desalentos do irmão, sentia intimamente que a alma lhe voltavam vigorosos os alentos da esperança.

Tinha chegado a noite de 24 de dezembro. Laura à beira do lar, de mangas arregaçadas até aos cotovellos, amassava pressurosa n'um alguidarinho muito espelhado uma pouca de farinha de milho miúdo amollecido com agua de mel, em quanto que Paulo alimentava a fogueira do forno com alguns ramos seccos, que ia tirando do canto da lareira.

— Lembra-te, meu querido irmão, d'aquellas bonitas historias que nossa saudosa mãe nos contava nas vespas do Natal, ao mesmo tempo que sobre a cassarola, a transbordar d'azeite cõr d'ouro, estendia cuidadosamente as filhoses, que no dia da grande festa havíamos de comer depois de bem polvilhadas de assucar alvissimo?

Isto dizia Laura não deixando, todavia, de ir cadencialmente mergulhando os punhos cerrados na massa do alguidarinho, ou de a ir voltando de debaixo para cima e dos lados para o centro.

— Oh se lembro, minha boa irmã! Que bellos tempos da infancia eram esses! E com que interesse nós escutavamos aquelles contos phantasticos com que depois sonhavamos pela noite ás horas do somno!

— Calla-te, Pedro; não posso ouvir sem contrariedade a tua linguagem descrente. Não duvides, por Deus, do que a nossa mãe affirmava com tanta sinceridade... E' certo que nenhum de nós dois gozou ainda o espectáculo deslumbrante dos côros d'anjos que na noite do Natal soem baixar á terra para celebrar o grande prodigio do nascimento do Homem-Deus, mas não desesperarei ainda de o admirar, e, então, poderei confundir a tua incredulidade e esmagar a tua duvida.

— Allegra-me vêr-te tão firme nas tuas crenças, minha irmã, pois através d'ellas reconheço a candura d'essa alma não maculada dos primeiros tempos da tua infancia. Vive nas doces illusões em que te acalentaram. Guarda bem no teu coração essas flores adoradas, que não serei eu que as desfolhe.

— Nem terás valor para o fazer, porque tambem és bom e generoso. Essa falta de confiança na providencia suprema, que tu apparentas, brota do desalento, e este nasceu da lucta em que por enquanto tens sido vencido. Tem, porém, coragem e espera, meu irmão, porque a minha fé é cada vez mais vigorosa.

E Laura continuava ainda a sua tarefa de amassar a farinha de milho miúdo amollecida em agua de mel.

O forno tinha funcionado e Laura acabava já de acondicionar convenientemente n'um cabazinho de verga de castanho as broinhas doces do Natal tão cuidadosamente preparadas, e cobrindo-as com um panno alvissimo, que exalava um agradável perfume ao lavado, foi dependurar o cabaz n'um prégio collocado na parede exterior da chaminé, superiormente á entrada da lareira.

— Ora bem, meu Pedro, amanhã cedo irás caminho do povoado para achar venda facil ás nossas broinhas doces: depois com o producto da venda comprarás alguma carne fumada e um pouco de arroz para o jantar de festa: tambem quero em honra de tão faustoso dia preparar-te uma refeição mais fina do que a habitual.

Fallando assim, Laura ia e vinha arrumando nos seus lugares, depois de convenientemente limpos, os humildes utensilios de cozinha de que se tinha servido para fabricar as broinhas, emquanto que Pedro, sentado junto do pequeno fogo do lar, dormitava com os cotovellos fincados nos joelhos e o rosto meio occulto nas palmas das mãos callosas.

— Agora vou preparar-te o almoço. Quando te levatares não necessitas ter outros cuidados mais do que servires-te d'elle, porque ficará junto do brasido de modo a conservar ainda uma temperatura conveniente... Olha; é um prato de pápas de farinha de trigo, ao uso de nossa santa mãe... O mel é pouco mas para ti chegará... Não me

attendes?! E' inutil fallar-te: tens mais somno do que appetite... Pois vae, vae recolher-te, irmãozinho, que eu não tardarei em deitar-me tambem... Adeus, adeus... Cui'ado não caias... Dorminhoco!... Attende bem: ao levatares-te procura na lareira junto ao borralho...

Pedro seguia já para o cubiculo pobrissimo, onde um feixe de leno bem secco lhe servia de leito, em quanto que Laura dava a ultima de mão ao prato das pápas de farinha de trigo.

Concluida a tarefa pegou na candeia, suspendeu-a junto á cabeceira da pequena enxerga do seu leito, e foi ajoelhar-se diante da imagem da Virgem, que na tarde d'esse dia adornara com alguns ramos de verdura colhidos na encosta. Após fervorosa prece ergueu-se radiante d'esperanças na protecção da Mãe de Deus e dos infelizes, apagou a candeia e deitou-se sobre a enxerga.

No nosso paiz não são só immensamente grandes as noites d'inverno, são tambem, e sobre tudo, immensamente tristes para aquelles que não tem roupa na enxerga, nem pão na cantareira, nem lenha na chaminé.

A toalha de neve, que de ordinario n'essas noites frigidissimas se estende sobre a superficie da terra, pôde ser um espectáculo curioso e deslumbrante para o remediado, mas é tambem, incontestavelmente, o espectáculo mais tetrico e aterrador que pôde desenrolar-se deante do pobre, que transido, regelado, quasi hirtto, se sente impotente para combater tão terrível inimigo.

A noite a que nos referimos estava caliginosa, frigidissima, mas bastante humida. Se no céu não luziam as estrellas na terra não refulgia a alvura da neve.

Eram, pois, densas as trevas que envolviam exteriormente a pobre casinha da encosta, onde repousavam das lides do dia aquelles dois seres tão dedicados um pelo outro e tão intimamente ligados pelos vinculos do sangue e pelos laços do infortunio.

Dentro da habitação o silencio era profundo e apenas interrompido pelo respirar suave e manso dos que dormiam.

De repente Laura fez um movimento brusco e a sua respiração deixou de ouvir-se por alguns instantes.

Evidentemente Laura tinha acordado e estava attenta.

De facto: sentou-se sobre a cama, estregou os olhos, voltou-se para o lado da lareira e fitou o local, que por fim reconheceu pela tenue e derradeira scintillação de uma brasa unica, que ainda censervava lume.

Verificada a observação ergueu-se rapida e exclamou:

— Meu Deus! está extinto o lume e o almoço do meu pobre irmão estará frio quando se levantar... Tentemos fazer reviver o fogo.

Foi em vão que Laura soprou ao brasido; fatigada, exhausta, descançou por fim sobre os joelhos e reflectiu:

— Que horas serão? Terei dormido demasiadamente? Será tempo de Pedro ir caminho do povoado? Se pelas estrellas podesse orientar-me nas horas.

Abriu a porta e olhou em frente. A cerração era densa, no céu nem uma estrella, tudo trevas profundas; mas voltando-se um pouco á direita distinguio a certa distancia um pequeno ponto luminoso, que tanto podia ser o começo como o resto de uma fogueira quasi extinta. Pouco a pouco a sua vista foi-se habituando á escuridão e pôde distinguir igualmente alguns vultos de formas humanas, que se moviam levantando-se ou sentando-se em volta do lume.

Promptamente a Laura occorreu-lhe a ideia de que o almoço do irmão estava esfriando: retrocedeu á lareira, tateou no local do costume uma pequena pá de ferro, que achou facilmente, e partiu em direcção ao grupo.

— Bom dia, meus visinhos, bradou ainda de longe; permittis que da vossa fogueira retire algumas brasas de lume para aquecer o almoço do meu bom irmão?

Os vultos, a esse tempo immoveis, não responderam, mas as suas physionomias eram tão suaves, havia uma tal expressão de bondade desenhada nos seus semblantes que Laura não se intimidou e, sem prestar maior attenção ao que se passava n'aquelle local, encheu a pá de brasas e voltou precipitadamente para casa. Tendo-as, porém, lançado sobre as cinzas da lareira reparou que estavam apagadas.

— Valha-me a Virgem Santa! exclamou entre afflicta e pesarosa. Vinham tão acesos os carvões

que não posso explicar como se apagaram tão de prompto!

Era de tal modo ardente o desejo de á hora devida ter bem quentinho o almoço de Pedro que, sem hesitar um momento, voltou outra vez, ao grupo e encheu de novo a pá retirando-se prestes.

Ao transpôr o limiar da porta suspendeu-se de subito: uma voz doce e suavissima chegava distinctamente aos seus ouvidos, e essa voz dizia assim:

— E' quasi meia noite. Aproxima-se a hora do nascimento do Homem Deus. Partamos!

E ao mesmo tempo melodias deliciosas e algo celestiaes resoavam no espaço afastando-se rapidamente.

Laura attonita, enleada, confuza, cheia de preocupações extranhas, entrou novamente em casa; despejou as brasas no local das primeiras e aproximou-lhes o prato do almoço de Pedro, indo cahir depois sobre a enxerga, comprimindo fortemente com as mãos nervosas as palpebras cerradas, e procurando reconstruir e explicar os factos extraordinarios de que acabava de ser testemunha.

As trevas d'aquella intelligencia eram, porém, tão densas, a confusão das ideias era tal que ao momento Laura só pôde comprehender distinctamente que era apenas meia noite; que era muito cedo ainda; que se tinha enganado nas horas,— Deus meu! monologava ella consigo: que foi o que eu vi?... Quem acendeu a fogueira onde fui tirar aquellas brasas?... Que seres eram aquelles?... Será possível, Deus meu!

E apertando convulsivamente a cabeça entre as mãos crispadas, novamente cahiu de bruços sobre a enxerga, ficando n'uma immobildade, que tanto poderia similhar a morte como um somno profundo e reparador.

As trevas da noite iam já em retirada á aproximação dos primeiros alvares do dia quando Pedro se levantou para ir ao povoado vender as broinhas do Natal feitas de farinha de milho miúdo amollecido com agua de mel.

Dirigindo-se á lareira passando junto da irmã, reparou que dormia tão tranquillamente, que nos seus labios se esboçava um sorriso de tanta satisfação, de tanta felicidade, que, não se atrevendo a acordá-la, pé ante pé se aproximou do borralho para retirar o almoço.

Ao estender, porém, as mãos para tomar o prato suspendeu-se n'este movimento e ficou perplexo.

Do meio d'aquellas cinzas frias e esbranquiçadas sahiam chispas luminosas, que davam scintillações semelhantes a insectos phosphorescentes, que ora se apagavam ora se acendiam em caprichosas cumbiantes de côres vivissimas.

— Não estarei bem acordado?... Será effeito do somno mal dissipado ainda?...

E dizendo esfregava os olhos com as costas das mãos.

— Não pode ser illusão... Vejo effectivamente destacarem-se pontos luminosos, que se me afiguram olhos de pequenos animaes noctivagos.

E, a medo, remexia com mão timida as cinzas brancas do chão da lareira.

Repentinamente de seus labios sahiu um grito estridente: os olhos pareciam saltar-lhe das orbitas e o semblante tomou um aspecto tão característico do espasmo, que Pedro estava assim completamente desfigurado.

Foi n'esta attitude que Laura, acordada de sobresalto, foi encontrar o irmão.

— Pedro! Pedro! que tens? Falla... falla! Assustas-me! Que te succedeu?

— Olha!... olha hem, Laura!... É ouro reluzente!... São pedras preciosas!

E, fallando d'esta forma, com uma das mãos segurava o braço da irmã, attrahindo-a a si, ao passo que com a outra revolvia nervosamente as cinzas frias, fazendo retenir o ouro e revoltar os brilhantes!

Laura, depois de fixar attentamente aquella mistura, ao principio indefinida, e de se convencer de que era realmente um thezouro valiosissimo que tinha deante de si, prostrou-se de joelhos, ergueu para o céu as mãos postas, e balbuciu apenas muito natural, muito placida e docemente: — Eu vos agradeço, Virgem Santa!

E lagrimas consecutivas, como fios de perolas finissimas, cahiam-lhe dos olhos inundando-lhe as faces.

Portalegre — Dezembro de 1895.

Adolpho Motta

A VIRGEM MARIA

TEXTO

E' meiga, é doce a figura
De Jesus, o Redemptor;
Dizem seus labios, se falam,
Faltas de paz e amor;
Mas ha não sei que de grave
Naquelles traços divinos,
Mesmo quando acolhe e afaga
A sorrir os pequeninos;
Ou defenda a peccadora
Do furor da turba insana;
Ou aos miseros e humildes
Elle, forte e Deus, se irmana,
Um não sei que de severo,
Que nos mostra a cada instante
O filho dos céus, o mestre
Na palavra e no semblante.
Soffre, e cala quanto soffre;
Morre, e perdoando expira;
Nem chora, nem quer que o chorem;
Porque a carne que vestira
De homem lhe deu a apparencia,
Porém não a realidade;
E ficou sendo na essencia,
Como outr'ora divindade.
Ella não, a Virgem Sancta;
Essa é fraca, essa é mulher;
E antes de ser divina,
Conhece o que é padecer.
Geme, pranteia, soluça,
Vendo pregado na cruz,
Já pallido e agonizante
O seu filho, o seu Jesus.
Depois o sagrado corpo,
Sanguento, livido, frio,
Beija, e sobre elle derrama
Tristes lagrimas em fio;
E a todos que encontra, anciosa,
Pergunta: «Oh vos que passais
Dizei-me se dor como esta
Houve no mundo jamais!»
E' que ao matarem-lhe o filho
Arrancaram-lhe tambem
Como que as proprias entranhas;
E' que sobretudo é mãe.
E' mãe: esta voz sómente
A mais bella, a mais sublime
Resumo de affectos varios,
Que o mais puro affecto exprime,
Só esta voz nos explica
O vivo culto, o fervor
De quantos com fé se acolhem
Ao seu manto protector.
Gemeu, ouvirá quem geme;
Chorou, verá os que choram;
E buscam-n'a conflatos,
E como filhos a imploram.
Mãe, os poetas a cantam,
Mãe, debuxam-n'a os pintores,
Ou com o Menino nos braços,
Ou no Calvario entre horrores.
Aos pés da cruz de joelhos,
E' mãe, e mãe de piedade;
Com mil nomes, em mil templos
Mãe lhe chama a christandade;
Que por mãe é mais humana,
E' entre os homens e Deus
Formosa ponte de graças
Do abysmo da terra aos céus.

J. Ramos-Coelho.

VERSIONE

Dolce e cara è la figura
Di Gesù nostro Signor;
S'egli schiude le sue labbra,
Parla sol di pace e amor.
Ma v'ha un non so che di grave
In quei suoi tratti sì eletti,
Anche allor che sorridente
Accarezza i pargolletti;
O salva una peccatrice
Dal furor di turba fella;
O cogli umili e tapini
Ei, che è Dio, pur si affratella.
Sì, v'ha un non so che di austero,
Che in lui mostra ad ogni istante
Di Dio l'Unto, il Dio Maestro
Nei suoi detti e nel sembiante.
Soffre, e occulta il suo patire;
Muore in croce, eppur perdona;
Nè piange egli, nè vuol pianti;
Perchè se la sua persona
Ha di un uomo la parvenza,
Non ne ha tutta la realta;
Chè restò nella sua essenza,
Come oria, Divinità.
Non così la Vergin Santa;
Essa è donna, essa è amorosa,
E, pria d'essere indifata,
Il dolor non le diè posa.
Le si strazia il cor, vedendo
Nella ria croce conflitto,
E già esangue e agonizante,
Il suo Figlio derelitto;
Poscia quel sacro corpo
Freddo e livido cotanto
Ella accoglie, e bacia e bacia,
E l'asterge col suo pianto;
E al viator che incontra, ansiosa
Va chiedendo: «O tu che vai
Dimmi: un duolo al mio simile
Nella terra ci fu mai?»
E' perchè quei manigoldi
Che il suo Figlio le hanno ucciso,
Le strapparò il cor dal seno;
E' che madre io la ravviso.
Ella è madre - e questa voce,
La più bella e più sublime,
Somma di diversi affetti,
Che il più puro amore esprime,
Sol tal voce a spiegar basta
Il pio culto ed il fervor
Dei fedeli a cui fa usbergo
Il suo manto protector.
Gemetta ella? Udra chi geme;
Pianse? Udrà chi stà piangendo:
Perché Lei cercan fidenti,
E mercè le van chiedendo.
Madre: i vati l'han cantata
Madre: l'han tinta i pittori,
O col Figlio nelle braccia,
O sul Golgota fra orrori.
Curva ai piedi della croce,
Madre ella è di gran pietà:
E la invoca in mille templi
Madre la cristianità.
Nome tal più l'avvicina
Dei suoi mesti figli al core;
E, qual ponte d'ogni grazia
E' fra l'uomo e il Creatore.

Prospero Peragallo.

Soltando lindas cantigas
cá do nosso Portugal,
vos darão as Boas festas
no bom dia do Natal!

Segue, em tinta cor de rosa,
— a côr dos anjos dilecta —
— testemunho de verdade —
a assignatura do poeta.

E não sabendo escrever
os anjos, todos amor,
assignam todos de cruz,
cruz do nosso Redemptor.

19 dezembro 95.

Zacharias d'Aça.

O PERU DO NATAL

E' vel-os ahi por essas ruas, em numerosos bandos, caminhando aos pulinhos adiante dos seus vendilhões e guardadores de cana em punho, um dos costumes mais caracteristicos de Lisboa, onde tantos costumes teem desaparecido, incluindo o das mulheres de capote e lenço, que em verdade era a coisa que mais se parecia com os bandos de perus.

Pois desapareceu aquelle costume e fiacaram os perus, a nota alegre d'estes dias de festa, o prato obrigado de qualquer mediano jantar de Natal ou Anno Bom, o peru das meias noites ou consuadas, dos presentes, o peru de Nicolau Tolentino de que o poeta falla em uma das suas quadras:

Airoso, gordo peru
E' hoje, o meu presente.
Traz inda as pennas molhadas
Do pranto da minha gente.

E esses presentes, quantas difficuldades resolvem, quantos maus caminhos aplanam, quantas repugnancias vencem, quantas amizades estreitam, quantas sympathias despertam.

Não se pôde negar a influencia do peru no meio da sociedade.

Poderão os rapazes chamar-lhe: *peru velho*, dizer-lhe que, *não ha-de casar*, que *tem a mulher de baixo do mar*, e elle todo ufano entufar se, abrir as pennas da cauda em leque, subir-lhe o sangue á cabeça avivando o vermelho dos coraes e do monco, soltando os mais estridulos *grus grus*, que toda essa troça que lhe fazem cae, perante a influencia que elle tem sobre os conselheiros graves e austeros que não resistem a um bom cazal de peru mandado por um pretendente; sobre o pae de familia que desce as suas vistas mais complacentes para a namorada da filha, com quem até ali embirrava; o juiz, que lá encontra meio de proteger a parte, se elle não fór mais exigente do que aquelle celebre juiz do Bairro Alto que descompoz o cliente por lhe mandar presentes de *cá cá rá cá*.

E como estes tantos outros casos em que o peru exerce a sua influencia, e de que se contam historias curiosas e engraçadas.

Um peru conheci eu que teve a sua historia. Nogueira da Silva encontrou um dia cahido e abandonado na sua rua um pobre peru, que mal dava accordo de vida.

O celebre caricaturista, que era tambem um entusiasta pela therapeutica de Raspail, teve a idéa de salvar a desprezada ave e levou-a para casa, de que estava a dois passos.

Instalou o doente e fez-lhe as applicações que entendeu, segundo o diagnostico que lhe pareceu mais conforme, seguindo o tratamento pela camphora, que elle, não menos crente que Raspail, tinha por infallivel para todas as enfermidades.

Passou alguns dias, e algumas noites até, á cabeceira do enfermo fazendo-lhe constantes applicações internas e externas vermifugas e o caso é que o doente principiou a melhorar a olhos vistos, e não tardou que as pennas, côr de barata, tomassem o tom preto e lustroso, e os coraes, até ali de um rosado pallido, se colorissem de vermelho intenso, signal da saude que voltava com todo o vigor.

O peru passou a fazer parte da familia como parte fazia um batalhão de gatos que elle curara, pouco mais ou menos, nas mesmas circunstancias.

Comia á meza com o dono. Andava por todas as casas aos *grus grus*. Brigava com os gatos e mais com o cão, fazendo ás vezes uma inferneira medonha; e a tudo isto achava graça o seu salvador, que a todos contava o caso.

BOAS FESTAS

(EM UMA CHRISTMAS CARD ENVIADA PARA LONDRES)

I

Eram cinco passarinhos,
que iam no ceu a voar,
cruzando terras e terras,
tambem as aguas do mar!

— Para onde ides, pobrezinhos,
ao acaso, tão sem norte?
Sabeis o que vos espera?
Ides em busca da morte?

— Na mão de Deus todos temos
esta vida que gosamos;
e, se morrermos mais cedo,
mais cedo p'ra Deus voltamos.

Cinco formosos meninos
nos deram esta missão.
Eram anjos que pediam,
não pudemos dizer não!

— «Somos inda pequeninos,
e mal sabemos andar...
Se fossemos como vós...
Tendes azas p'ra voar!»

A's lagrimas, aos sorrisos,
não soubemos responder:
dissemos que sim, Partimos.
Que haviamos nós fazer?

Por isso vamos correndo
sobre o mar e sobre a terra,
sem descanso, té encontrar
a grande ilha de Inglaterra.

E, dito isto, as avesinhas,
com mui alegre chilrar,
partiram, e pelo ceu
lá se foram, a voar.

II

São elles, que ahi estão
tritando na janella.
A neve cae, cobre tudo!...
De que lhes serve essa umbella?

Abri, abri, sem detença;
e elles logo, agradecidos:
— «Novas — dirão — de Lisboa!
Vem dos entes mais queridos!»

E estes que poisam nos ramos,
os de cima — os amarells,
e o que espregia lá do alto,
todos vivos e tarellos,



O PERU DO NATAL

Correu na vizinhança a notícia de mais aquella cura extraordinaria, e tanto se fallou, que um dia bateu á porta de Nogueira da Silva uma mulher-sinha a saber se tinha fugido para lá um peru.

— Sou a vizinha ali da loja n.º 20, a Maria da Luz, mulher do Miguel, cabo de policia. Não me conhece?!

E a Maria da Luz deitava investigadores olhares pela casa dentro, com que parecia querer abrir as portas e atravessar as paredes em busca do seu peru.

— Está enganada para aqui não fugiu peru algum.

Mas n'isto a refilona ave tinha-se pegado á bica com o cão e soltava prolongados *grus grus* lá para a cosinha.

— Então o sr. pensa que eu sou surda. Lá está o meu rico peru, que me conheceu a voz, a chamar por mim.

— Mas aquelle peru estava cahido ali na rua, quasi morto, quando eu o trouxe para casa.

— Bem sei. E' que eu tinha sahido, e vai d'ahi o demomo do peru, que me tinha mandado o meu compadre Joaquim, saltou-me pela janella para a rua e os garotos dos filhos da Anna pegaram ás pedradas ao bicho e estenderam-m'o. Isto foi o que me contou ali a vizinha Joanna, que é mulher muito verdadeira, quando eu voltei para casa, e foi ella agora que tambem me disse constar-

lhe que o visinho é que tinha apanhado o meu peru...

— Mas elle estava quasi morto, repito-lhe, e se não fossem os cuidados com que o tratei teria ido para a carroça do lixo.

— E que tem isso se o peru é meu.

— Mas o trabalho e os remedios são meus.

— Quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague, que eu quero o meu peru, que me mandou o meu compadre Joaquim.

E a tal vizinha fazia grande berreiro, reclamando para ali o seu peru, de modo que o escandalo era eminente.

— E se me não entrega o meu peru, digo ao meu homem que venha cá buscal-o.

A lucta continuava lá dentro cada vez mais accessa entre o peru e o cão e, segundo parecia, os gatos tambem já entravam na contenda, porque o barulho cada vez era maior.

Nogueira da Silva, muito compromettido com o escandalo que a Maria da Luz estava provocando, resolveu pôr ponto final na questão e disse á senhora vizinha que levasse o peru.

— Então com sua licença; e a Maria da Luz entrou pela casa dentro em busca da endiabrada ave, que chegara até á sala onde o cão e os gatos tudo tinham posto em desordem.

N'aquelle momento o cão enfurecido por uma picada mais valente que apanhára no focinho, deitara-se decidido ao inimigo e, cravando-lhe os

dentos para valer no pescoço, estrangulou-o n'um abrir e fechar d'olhos.

A Maria da Luz soltou uma praga e lamentou, no meio do desespero:

— Antes eu o comesse com o meu Miguel, no dia de Natal.

— E eu tambem, accrescentou Nogueira da Silva, que de resto, contava elle, nunca ninguem lhe reclamara os gatos lazarentos que elle tinha recolhido e salvado da morte eminente.

E já agora não fallemos das peruas...

Caelano Alberto.

AVISO

O presente numero brinde do Natal, distribuido a todos os nossos assignantes, consta de 12 paginas com 4 de indices e frontespicio e uma capa do volume.

O preço avulso do numero constante de 12 paginas e capa é de **200 réis.**

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 35

